

LEITURA DO MUNDO, LEITURA DA PALAVRA, LEITURA PROFICIENTE: QUAL É A COISA QUE ESSE NOME CHAMA¹?

Muito se tem falado nas últimas duas ou três décadas a respeito da importância da leitura. Artigos vários se referem às demandas apresentadas pela sociedade em termos profissionais (que exigem domínio da linguagem escrita, boa comunicação verbal, boa redação, entre outros aspectos); abordam as necessidades colocadas para o sujeito em termos de efetiva participação social (saber ler diferentes tipos de texto, estar bem informado, saber ajustar o registro à situação comunicativa em questão como condição para ser compreendido); tematizam as necessidades que, tendo em vista a importância da leitura fora da escola, têm sido colocadas para a escola, dada a sua finalidade institucional de educar, que, nesse contexto, deve prever a formação de cidadãos efetivamente leitores.

Nessa perspectiva, pode causar uma certa inquietação, que a discussão desse tema ainda seja tão necessária e tão inusitada para alguns círculos, ainda que se trate da esfera acadêmica e da educação escolar.

Pretendemos, então, seguindo a reflexão sábia do poeta, “pegar na voz do peixe” das nossas ideias consensuais e desarmá-las, desarranjá-las. Quem sabe, se as desaprendermos, consigamos explicitar-lhes os princípios e, nessa (re)visão, sejamos capazes de esclarecer a quais vozes temos sido surdos no complexo processo de formação de leitores.

Começemos, então, por retomar aspectos que têm sido alvo de preocupações reiteradas no processo de discussão sobre leitura e ensino de leitura, procurando refletir sobre eles um pouco além da superfície.

O QUE É, AFINAL, LER?

Desde que a produção teórica da linguística nos permitiu compreender a linguagem como processo de interlocução², como interação entre sujeitos, que se sabe que ler não é descobrir sentidos colocados nos textos pelos seus produtores, mas interpretar os possíveis sentidos dos textos lidos a partir do conjunto de referências semânticas constituídos por cada um.

Ou, dizendo de outro modo, todas as palavras possuem um conjunto de significados estáveis e reiteráveis no processo de enunciação, conhecidos pelos falantes de uma dada língua; da mesma forma, cada sujeito constrói um conjunto de sentidos pessoais, a partir das suas experiências. Por exemplo, quando se fala em *cadeira de dentista*, todos podem compreender qual é o objeto de que se fala e em quais situações prováveis seria possível entrar em contato

¹ Nesse título, duas referências fundamentais: Paulo Freire (que dispensa comentários) e Galeano, quando se refere à palavra, dizendo que “o nome é a coisa que o nome chama” (GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*. Porto Alegre: L&PM, 1994.).

² Ver GERALDI, João Wanderley. “Concepções de Linguagem e Ensino de Português”. In: *O texto na sala de aula*. Cascavel: Editora Assoeste, 1984.

com esse objeto. No entanto, cada pessoa terá agregado a esse significado, sentidos pessoais decorrentes das suas experiências vividas em relação a esse objeto: quem teve experiências dolorosas e traumáticas relacionará a ele sentidos não muito agradáveis; quem teve experiências agradáveis, o oposto; quem é dentista, ou tem parentes ou pais dentistas, agregará outros sentidos aos demais, derivados dessa relação (sentimentos de saudade, de familiaridade, por exemplo). Os sentidos que se constroem e se agregam às palavras, expressões são, portanto, pessoais, únicos.

Ao interpretarmos um texto no qual esse sintagma é utilizado — cadeira de dentista — cada um acionará tanto os *significados* que conhece, quanto *sentidos* que constituiu acerca do mesmo, o que torna a compreensão de um texto, por um lado, possível a todos e, por outro, singular a cada um.

Além disso, desde que se compreende a linguagem como processo de interlocução sabe-se que todo texto é orientado para um interlocutor, inevitavelmente, ainda que esse interlocutor seja a si próprio, um “eu” desdobrado em outro eu, destinatário do texto (como na elaboração de diários pessoais, notas de estudo, por exemplo). Essa é a característica fundante da linguagem: a dialogicidade, a conversa inevitável dos textos que produzimos com todos os outros com os quais tivemos contato de alguma forma e que nos constituíram.

Essa orientação do texto não acontece, apenas, em função do interlocutor e da imagem que se possa ter desse interlocutor (dos saberes que ele possa ter sobre o assunto, sobre a linguagem, sobre os valores que possui), mas também em função da finalidade que se tem ao escrever, do assunto que se escreve, do lugar no qual o texto circulará (escola, universidade, mídia impressa, mídia radiofônica ou eletrônica, por exemplo), do gênero no qual o texto será organizado (conto de fadas, editorial, ensaio literário, crônica, entre outros), do portador no qual será publicado (revista, livro, jornal, mural, panfleto, por exemplo), do veículo no qual circulará (*Folha de S.Paulo*, revistas *Veja*, *Época*, *Cláudia*, *Caros Amigos*, *Ciência Hoje Criança*, entre outros).

Assim, um texto é determinado pelas características do contexto no qual é produzido, pois um produtor competente sabe que seu texto será tanto mais eficaz quanto melhor estiver adequado a estes aspectos.

Ler é um processo de reconstrução dos sentidos do texto, no interior do repertório de significados e sentidos constituídos pelo sujeito, considerando as características do contexto de produção que determinou o texto que se está lendo.

Lê melhor quem consegue recuperar as características do contexto de produção do texto, articulando-as com seu repertório pessoal de conhecimentos, de modo a utilizá-las tanto para antecipar pos-

síveis sentidos do texto, quando para ajustar as interpretações que se vão realizando ao longo da leitura. Esse processo de compreensão e interpretação supõe que sejam localizadas informações no texto, sejam inferidos sentidos de palavras e expressões que não se conhece, que sejam articuladas informações de diferentes trechos de um texto, que sejam sintetizadas informações semânticas do texto lido, articulando-as com outros textos ou com a vivência do leitor. É um processo que supõe, além disso, que o leitor contraponha à palavra do texto, a sua própria, compreendendo-o criticamente.

Ensinar a ler, portanto, deve supor a tematização das capacidades de leitura requeridas para tanto, possibilitando ao aluno constituí-las ou ampliá-las.

MAS LER É APENAS ISSO?

Ler, mais do que um processo individual, é uma **prática social**. Quer dizer, há diferentes práticas de leitura que se realizam nos diferentes espaços sociais nos quais as pessoas circulam. Por exemplo: lê-se na sala de espera de um dentista; lê-se quando se passa em frente a uma banca de jornais e revistas; lê-se em voz alta em um culto religioso; leem-se as listas classificatórias quando se deseja saber se houve aprovação em um concurso vestibular; lê-se um cardápio ao pedir o jantar no restaurante; lê-se a tela do computador ao utilizar um caixa eletrônico de banco; leem-se os outdoors de propaganda nas ruas; lê-se em uma livraria, quando se deseja comprar livros; lê-se o jornal quando é entregue em casa; lê-se para estudar determinado tema, entre outras tantas situações.

Em cada uma dessas circunstâncias, lê-se por diferentes **motivos**, o que determina diferentes **procedimentos** de lidar com o material de leitura. Na sala de espera de um dentista, lemos para passar o tempo até que a consulta anterior à nossa termine e possamos ser atendidos. Como não sabemos, exatamente, quanto tempo demorará a espera, quando lemos uma revista, primeiramente passamos por toda ela, inspecionando artigos, apreciando imagens para, só depois, se ainda der tempo, voltarmos para alguma reportagem ou notícia que nos tenha interessado mais. Mas quando estamos em casa e, antes de dormir, tomamos um livro para ler, ao contrário, lemos o livro linearmente, do começo até onde o sono nos permitir. Quando estamos procurando livros para estudar determinado tema, consultamos o índice, lemos a apresentação ou a orelha em busca de pistas que nos indiquem se o assunto será tratado no livro, e em qual parte. Uma vez localizada a parte, lemos o resumo inicial do artigo — se houver — para conferirmos o conteúdo. Quando vamos participar de uma leitura dramática, estudamos o texto, em especial os personagens que vamos — ou poderíamos — representar, para ler com dramaticidade, em voz alta.

A cada situação de leitura, portanto, em virtude de sua finalidade, cabem determinados procedimentos.

Nessa perspectiva, lê melhor aquele que, tendo clareza da finalidade colocada para a leitura, seleciona e utiliza o procedimento mais adequado para ler.

Ensinar a ler, então, deve supor possibilitar ao aluno aprender a ajustar os procedimentos de leitura às finalidades colocadas.

POR QUE É IMPORTANTE LER?

Já dizia Bakhtin³ que

“não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. A palavra está, sempre, carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”.

A palavra do outro — qualquer que seja ela — está sempre, inevitavelmente, impregnada de valores, de apreciações pessoais — explicitados ou não — sobre os fatos vivenciados, sobre os acontecimentos, sobre as atitudes das pessoas em relação a esses fatos e acontecimentos, sobre as ideias subjacentes aos fatos, sobre os valores subjacentes às ideias.

Quando lemos

“E ela, **tal como um Hitler**, mandou que a menina se retirasse da sala de aula.”

e

“E ela, **como se fora um general**, mandou que a menina se retirasse da sala.”

não lemos, nas duas frases, a mesma ideia, nem os mesmos valores, pois a escolha lexical determina a veiculação de uma determinada apreciação sobre o comportamento da pessoa que mandou a menina se retirar. Na primeira frase, toda uma carga semântica de preconceito racial e autoritarismo — para dizer o mínimo — vem à tona pela evocação da figura do ditador alemão e, dessa maneira, qualifica de maneira muitíssimo diferente a ação do sujeito que, se ouvisse a frase (e não só ele, mas qualquer leitor) — e tivesse conhecimento de História Mundial —, teria clareza de como seu comportamento — e, dessa maneira, ele próprio — estava sendo visto pelo locutor.

Nessa perspectiva, quando lemos, os sentidos e valores que posuímos acerca dos fatos, do mundo, acerca da vida e das pessoas entram em contato com os valores e sentidos veiculados nos textos. Nesse processo, em especial quando há uma apropriação crítica do que se leu, uma nova síntese apreciativa é construída pelo leitor.

³ BAKHTIN, M. (Volochinov, V. N.). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988, p. 95.

Ler a palavra, nessa perspectiva, é construir sentidos sobre o mundo, pela via do conhecimento dos sentidos que os outros também dão a esse mundo.

Por isso, ler a palavra é ler o mundo. É esse o sentido mais profundo dessa expressão tão banalizada nos círculos educacionais, utilizada, muitas vezes, para significar a leitura de textos não verbais, o que, por vezes, provoca a perda do objeto efetivo da leitura: a palavra, o verbo.

Se, ao lermos, constituímos sentidos acerca do mundo, enquanto seres sociais, constituímos, também, sentidos acerca de nós mesmos. Como afirma Jobin e Souza⁴,

“... ser significa ser para o outro e, por meio do outro, para si próprio. O território interno de cada um não é soberano; é com o olhar do outro que nos comunicamos com nosso próprio interior. Tudo o que diz respeito a mim (...) chega à minha consciência por meio da palavra dos outros, com sua entonação valorativa e emocional. (...) A consciência do homem desperta a si própria envolvida na consciência alheia.”

Nesse sentido, fica evidente que, mais do que interpretar os sentidos do outro, quando lemos nos constituímos, à nossa consciência e à consciência que temos de nós mesmos. Não no sentido determinista, de apropriação acrítica da palavra desse outro, mas no sentido de que não existimos de maneira isolada, à revelia do outro, e sim, a partir da relação que estabelecemos entre a apreciação e a imagem que o outro tem de nós mesmos e a que nós mesmos constituímos.

O QUE LER — E COMO APRENDER A LER — NA ESCOLA?

Se a finalidade do trabalho com leitura na escola é aprender a participar das práticas sociais de leitura que acontecem em todos os espaços — mesmo externos à escola —, então se deve trazer para as salas de aula as práticas de leitura relevantes para a efetiva participação cidadã. À semelhança do que já se disse, ler é importante na escola porque é importante fora dela, e não o contrário.

Mas a escola deve trazer tais práticas para o seu interior com uma finalidade didática clara: ensinar os alunos a delas participarem, possibilitando a eles aprenderem a mobilizar todos os conhecimentos com os quais um leitor proficiente opera nas práticas sociais de leitura.

Dessa forma, à escola cabe, inicialmente, reconhecer quais os conteúdos fundamentais de leitura, reconhecendo a dimensão individual e social dessa prática. Quais sejam: comportamentos leitores, procedimentos e capacidades de leitura.

Depois, a escola precisa adotar práticas educativas que, de fato, possibilitem a constituição e ampliação dos conhecimentos indicados acima.

⁴ JOBIN e SOUZA, S. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas: Papirus, 1994.

Conhecer modalidades didáticas mais adequadas para o desenvolvimento de cada tipo de conteúdo com o qual será necessário trabalhar, dessa forma, é fundamental. Reconhecer, por exemplo, que uma *leitura colaborativa* é uma modalidade fundamental para que sejam trabalhadas as capacidades de leitura relacionadas ao processo mesmo de leitura, possibilitando a criação de um espaço de socialização de estratégias utilizadas para a reconstrução dos sentidos do texto; saber que a roda de leitores é a situação mais adequada para o aprendizado e o desenvolvimento de comportamentos leitores; ter clareza de que a prática tradicional de leitura silenciosa, com perguntas para serem respondidas por escrito, não ensina a ler, mas apenas investiga o que já se aprendeu a ler; saber que a leitura em voz alta só é importante nas situações de leitura em que é imprescindível; ter conhecimento de que é preciso ensinar os alunos a lerem obras mais extensas, e que a modalidade mais adequada para isso é a *leitura programada*; saber que se pode aprender sobre a leitura antes mesmo de se saber ler, e que uma das modalidades adequadas para tanto pode ser, por exemplo, a *leitura em voz alta feita pelo professor*; tudo isso é imprescindível para o trabalho da escola com leitura.

Mas, como já se disse — e como já se sabe — competência técnica é imprescindível para o desenvolvimento do trabalho; no entanto, nem sempre é suficiente. Além dela, o compromisso efetivo de toda a escola com a formação do leitor proficiente é fundamental.

A pesquisa “Redes de Aprendizagem – Boas práticas de municípios que garantem o direito de aprender”⁵, recentemente publicada, demonstra bem esse aspecto ao apontar como fator decisivo para o sucesso do trabalho realizado na educação a constituição de efetivas redes de aprendizagem nos municípios: redes nas quais se colabora e se compromete, efetivamente, por todos os meios possíveis, a fazer aprender; redes nas quais todos os agentes educativos, todos os envolvidos colaboram com ações palpáveis, regulares e organizadas para o aprendizado: do diretor à merendeira, com envolvimento e comprometimento de todos; redes nas quais as escolas colaboram entre si, com apoio incontestado e pronto da Secretaria de Educação; efetivas comunidades de aprendizagem.

5 MEC/UNICEF/UNDIME, 2008.

* **Kátia Lomba Bräkling** é mestre em Linguística pela PUC-SP. Professora da pós-graduação do ISE Vera Cruz. Autora dos PCNS de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental e das Matrizes Curriculares do SAEB 97. Parecerista do Programa Nacional do Livro Didático. Assessora da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e de outras instituições educativas.